

Mauro empurrava despreocupadamente o carrinho do supermercado sem pensar em nada além da lista feita pela esposa. Fazer as compras era a sua parte nas tarefas da casa, a mulher e a empregada cuidavam de todo o resto. Estava particularmente animado, pois gostava do clima de final de ano, principalmente naquele fim de ano que era também o encerramento de um século inteiro. Havia no ar uma gostosa sensação de recomeço, embora ele não esperasse – e nem quisesse – mudança alguma em sua vida confortável. Achou que aquele final de semana seria como qualquer outro: compras no sábado, clube com os filhos no domingo. Mas o turbulento século XX não iria embora sem antes lhe dar uma última chacoalhada, e, ao virar-se para a direção das bancas de vegetais, avistou Luíza. Uma descarga de adrenalina jorrou por todo seu corpo, seu coração disparou. Nunca mais haviam se visto e lá se iam quase 30 anos. Ela continuava bonita, mesmo tendo envelhecido um pouco. Os cabelos agora estavam bem mais curtos, na altura dos ombros, com acréscimo de uns fios brancos. Uma avalanche de memórias invadiu-lhe a mente com lembranças tanto maravilhosas quanto dolorosas.

Seu sofrimento naquele tempo não foi diferente do de qualquer ser humano estilhaçado pela rejeição, mas saber disso não mudava nada. Havia chegado aos 22 anos sem saber o que era a decepção amorosa de verdade. Tivera apenas umas paixonites e namoricos. Nenhum término que não tivesse sido rapidamente superado com a ajuda da noite belo-horizontina, que às vezes se esticava até o nascer do dia no Mirante do Mangabeiras.

Naquela época, Mauro cursava engenharia porque essa era a decisão natural de quem costumava gostar de matemática, mas, apesar da facilidade com os números, achava o curso um tanto penoso. No entanto, nem só de cálculo viviam ele e os colegas, pois as festas são muitas quando se tem amigos morando em repúblicas de rapazes. Dois deles dividiam um enorme apartamento no centro da cidade, desses muito

antigos e de mobília escura e pesada, herança da avó de um deles, com mais quatro estudantes de história e filosofia. Não se sabia como era possível conviver no meio da bagunça que proliferava em todos os cômodos de uma casa com seis homens, mas, quando se é jovem, organização é um apenas um detalhe. E foi numa dessas festas que conheceu Luíza, a alma mais livre em que já havia posto os olhos. Luíza era a caricatura genuína do movimento hippie, tanto na aparência como nas ideias. Parecia que toda a década de 1960 havia sido feita para ela.

Assim que a viu, ficou hipnotizado pelo movimento fluido que seu corpo fazia misturando-se com a música. De vez em quando ela levantava os longos cabelos ondulados e os segurava displicentemente com as mãos, deixando entrever a nuca com alguns fios molhados de suor, e girava a cabeça de olhos fechados como quem mergulha profundamente no momento. Mauro passou um bom tempo observando-a, segurando um copo de cerveja que de vez em quando levava maquinalmente à boca, esquecido do resto à sua volta.

Quando o amigo de Luíza viu os olhos de Mauro vidrados na moça, achou graça e, rindo, pegou-o pelo braço e disse:

— Vem que eu te apresento.

Pego de surpresa, ele ainda tentou recuar, mas não houve tempo, as apresentações já estavam sendo feitas e a menina lhe abria um generoso sorriso. Em vão percorreu mentalmente opções sobre o que dizer para engatar uma conversa, pois o nervosismo atrapalhava. Mas conversar era natural demais para ela e um assunto puxou o outro até o fim da noite. Não se desgrudaram mais pelos dias que se seguiram.

Apaixonaram-se. Ele estava encantado com o desprendimento dela e sua maneira pouco convencional de ver o mundo. Ela parecia encarar a vida como uma sequência de oportunidades para se divertir, o resto que se encaixasse do jeito que desse. Luíza admirava-se com a inteligência dele, seu jeito gentil e educado. Riam-se das diferenças um do outro. Passavam tardes de mãos dadas em passeios bucólicos pelo Parque Municipal ou pela Praça da Liberdade. Viravam a noite com amigos em bares no Centro ou em Santa Tereza. O curso de engenharia ia ficando de lado, mas valia a pena perder matérias para viver dias e noites como aquelas. Era a primeira vez que os sentimentos dele por alguém se enraizavam profundamente.

Adentraram juntos a década de 70 em um réveillon inesquecível na Lagoa da Pampulha, em um casarão luxuoso de alguém que ela conhecia. À meia noite, quando se beijaram apaixonadamente, ele teve certeza de que o amor deles iria durar para sempre. Também passaram juntos o carnaval, pulando de baile em baile. Ele ainda tinha intacta na mente a imagem dela fantasiada de colombina, rindo debaixo de uma chuva de confetes, esplêndida.

Depois de onze intensos meses vivendo um para o outro, Luíza começou a se sentir sufocada. Sua necessidade de liberdade estava começando a reclamar. Sentia-se presa. Estava com 19 anos, queria sair, viajar, conhecer gente, experimentar de tudo. Tinha sede de viver o mundo enquanto ele estava completamente entregue e emocionalmente dependente.

Ela agarrou a primeira oportunidade de cair na estrada. Um grupo de três amigos iria subir o litoral pegando carona, começando pelo Rio de Janeiro. Todos com pouco dinheiro, parando para fazer “bico” em bares nas praias mais movimentadas. Para Luíza, uma aventura. Para Mauro, uma loucura que ele encararia para continuar ao lado dela. Largaria tudo: estágio, faculdade, conforto, se Luíza tivesse lhe pedido para ir com ela. Mas ela não pediu porque sabia que o namorado seria o “freio de mão” da aventura. Simplesmente comunicou que estava indo: “vai ser bom pra nós, estamos precisando de um tempo”...

Um *tempo*! Ele não precisava de tempo nenhum, só precisava dela! Por semanas alimentou a ilusão de que passado esse tempo a saudade a traria de volta para ele. Quando o telefone de casa tocava, corria para atender, ávido por esperanças de que não estivesse tudo acabado. Mas o tempo só serviu para mostrar o quanto ele estava errado e, ao se dar conta disso, toda a angústia suspensa até aquele momento desabou como uma tempestade sobre ele. Impossível continuar se escondendo daquela verdade, para onde quer que seu pensamento corresse, ela estava ali, exposta, escancarada, indigesta.

Estava devastado. Isolou-se. Amargurou-se. Repensou a vida. Relembrou momentos vividos e imaginados.

Mas o tempo que lhe arrancou as esperanças com uma mão trouxe a cura com a outra e aos poucos a vida começou a ter graça de novo.

Passada a turbulência emocional, o lado racional de Mauro começou a analisar os acontecimentos dos últimos meses. Como um ser humano podia ficar tão dependente de

outro a ponto de não ter forças para se levantar da cama de manhã? Seria possível evitar passar por tudo aquilo de novo? A curiosidade sobre o funcionamento das emoções crescia cada vez mais e o interesse em se aprofundar no conhecimento do ser humano o fez abandonar a faculdade de engenharia para cursar psicologia. Encontrou na nova profissão uma compatibilidade muito maior com sua personalidade do que na anterior. Descobriria sua verdadeira vocação e era grato a Luíza por isso.

Por muito tempo ainda pensara nela. Em várias ocasiões desejou tê-la de novo. Milhares de vezes imaginou reencontrá-la. Agora ela estava ali, a poucos metros, escolhendo maçãs. Olhou para suas mãos procurando aliança: não havia. Provavelmente seria divorciada, se é que havia se casado. Não era mulher de ficar presa em casamento, pelo menos essa era a impressão que ele tinha. Pensou em se aproximar, conversar, saber o que havia feito da vida, relembrar o passado. Ela era boa de conversa, o assunto renderia, poderiam até acabar emendando um café. Neste momento atentou-se para o perigo: aquilo era uma paixão mal resolvida que poderia voltar com tudo! Uma boa conversa costuma pedir por outra e outra... se o sentimento voltasse, sua vida se complicaria. Olhou para sua aliança na mão esquerda. Tirou-a do dedo e leu a inscrição interna gravada no ouro: “Cecília, Amor Eterno”. Perguntou-se se ainda amava a esposa. Certamente que sim, e, sobretudo, amava a vida estável e ao mesmo tempo caótica que haviam construído. O barulho das crianças, as conversas com a filha adolescente... Os brinquedos e cadernos espalhados pela sala não o incomodavam em nada apesar de quase enlouquecerem Cecília.

Luíza agora procurava tomates maduros sem se dar conta do turbilhão que sua presença estava causando. Ele temeu ser visto antes de tomar uma decisão sobre o que fazer – o que tiraria sua opção de escolha – e virou-se de costas. Pensou nos casos dos pacientes que estavam tentando superar traição e divórcio. Tanto sofrimento causado em todos os envolvidos, tudo desencadeado por uma decisão tomada sem pensar direito. Todo aquele drama que ele já ouvira tantas vezes no consultório, imaginou-o aplicado à própria vida. Não, ele não se deixaria levar por impulsos, não valia a pena correr este risco. Estava decidido. Sentiu imediatamente aquele alívio de quem acaba de tomar uma decisão acertada e se livra de um conflito interno. Estaria sendo um covarde fugindo dos próprios sentimentos ou um herói por não arriscar seu casamento? Mauro não tinha essa resposta, mas a única coisa que importava agora era ir embora dali o mais rápido possível, faria as compras em outro lugar, não importava perder um pouco mais de tempo quando

havia tanto em jogo. Mas naquele exato momento sentiu uma mão pousar-lhe no ombro e uma voz conhecida chamar seu nome em tom de dúvida e surpresa ao mesmo tempo: “Mauro???!?”

Antes mesmo de se virar ele soube que tudo estava perdido.